

BIBLIOGRAFIA

- BAER, Werner. *A industrialização e o desenvolvimento econômico no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 1966.
- BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. *Desenvolvimento e crise no Brasil: 1930-1983*. 16ª ed. São Paulo: Brasiliense, sd.
- BRUM, Argemiro J. *O desenvolvimento econômico brasileiro*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CARRION JR, Francisco Machado. *O modelo brasileiro: impasses e alternativas*. Porto Alegre: Ed. Zhetta, 1975.
- FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *Vargas: o capitalismo em construção. 1906-1954*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- IANNI, Otávio. *Estado e planejamento econômico no Brasil: 1930/70*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- LAFER, Celso. O Planejamento no Brasil - Observações Sobre o Plano de Metas. In: LAFER, Betty M. *Planejamento no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva S/A, 1975.
- LESSA, Carlos. *15 anos de política econômica*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MÜLLER, Geraldo. *Introdução à economia mundial contemporânea*. São Paulo: Ática, 1983.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- ORENSTEIN, Luiz e SOCHACZEWSKI, Antonio Cláudio. Democracia com Desenvolvimento: 1956-1961. In: ABREU, Marcelo de Paiva (org). *A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- REZENDE Fº, Cyro de Barros. *História econômica geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

MODULAÇÃO E DEMODULAÇÃO
ENTRE LÍNGUAS*Sérgio Schaefer^{††}

Abstract. In confronting different translations of an extract taken from the novel *Grande Sertão: Veredas*, by João Guimarães Rosa, the article points out the language as a barrier in the interrelation among the peoples, and the understanding of languages as a way to overcome it.

Basta, hoje em dia, ser competente na sua língua materna? Um povo que só sabe enxergar-se no espelho de sua língua cabe ainda em nosso mundo cada vez mais interrelacionado?

Até certo ponto, as respostas a estas perguntas já estão, hoje, neste fim de século, encaminhadas. O planeta Terra, no dizer de McLuhan, está se tornando uma "aldeia global" e isso significa que seus habitantes tendem a sentir-se cada vez mais próximos uns dos outros. Esta proximidade vai exigindo sempre mais a quebra de qualquer barreira que possa separar as pessoas.

Ora, a língua pode ser uma dessas barreiras. Não conseguir entender o que alguém está querendo significar ao expressar-se nas palavras de sua língua contribui para que a comunicação seja cortada. Não podemos saber o que aquela pessoa pensa, se está ou não trazendo novos elementos para o crescimento cultural da humanidade, se está ou não dizendo apenas bobagens. Não conseguimos penetrar num mundo diferente do nosso, numa outra *Weltanschauung*. Ficamos reduzidos ao nosso pequeno recinto lingüístico, aquele que, ao abrir, sem dúvida, nosso intelecto para a aventura da expressão

* Este texto foi apresentado no VII Seminário Estadual sobre a Escola e o Texto, realizado pelo Departamento de Letras da Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior (UNIVATES), de Lajeado, RS, e está sendo aqui reproduzido com as modificações necessárias para uma publicação impressa.

†† Professor no Departamento de Ciências Humanas (UNISC) e no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional (UNISC).

e da comunicação na nossa língua, ao mesmo tempo fecha para as insuspeitadas possibilidades expressivas e comunicativas das demais línguas e para todas as riquezas conceituais que cada língua carrega consigo.

Num mundo como o de hoje, uma língua que não está aberta a outras línguas tende, de forma acelerada, a perder sua identidade lingüística. Ou, dito de forma diferente: quanto mais uma língua se abre a outras línguas, mais ela se reforça em sua própria identidade.

Colocados estes pontos iniciais gerais, vamos agora propor nova pergunta: é fácil a alguém pertencente a uma comunidade lingüística conseguir entender aquilo que é falado ou escrito por alguém pertencente a outra comunidade lingüística? Ou, então, repondo a pergunta em outros moldes: até que ponto podemos interrelacionar línguas diferentes, de modo que, entre si, saibam se intercomunicar e, ao mesmo tempo, cada uma continue a apresentar suas particularidades?

Em lugar de responder a esta pergunta de modo genérico, até mesmo hipotético, vamos, a partir desse momento, fazer um exercício prático e verificar em que medida existem facilidades ou dificuldades no intercâmbio entre línguas diferentes.

Um bom caminho para esta verificação é colocar em confronto diversas traduções de um texto qualquer. Faremos isto, comparando um pequeno trecho extraído da página que abre o romance *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa, com as versões do mesmo trecho produzidas por tradutores nas línguas alemã, inglesa, francesa, espanhola e italiana.

A problemática que orientará o nosso exercício é a seguinte: conseguiram os tradutores das cinco línguas estrangeiras acima citadas transpor com fidelidade — e assim demonstrar que entenderam e respeitaram — aquilo que G. Rosa quis comunicar no pequeno trecho em destaque da primeira página do *Grande Sertão: Veredas*?

Antes de começar a nossa análise, devemos dizer como pré-encaminhamos o nosso exercício e quais foram algumas precauções que tomamos. Primeiramente, procuramos entregar os textos estrangeiros a pessoas que residem no Brasil e que conheciam bem tanto a língua estrangeira em questão como a língua portuguesa, com a finalidade de os retraduzirem à nossa língua.

Com as retraduições, tínhamos em mente verificar o quanto próximos ou distantes os textos estrangeiros ficavam do original roseano. Tivemos algumas surpresas, das quais falaremos mais adiante.

O texto em alemão foi retraduzido para o português por José Balduino Schaefer. O texto em francês, pela Prof^a Annie Marie Wautier, belga, residente no país há mais de dez anos. Os textos em inglês e italiano, pela Prof^a Alba Olmi, descendente de italianos e professora de inglês. O texto em espanhol foi retraduzido pelo Prof. William Héctor Gómez Soto, natural da Nicarágua e residente em nosso país há vários anos.

Em segundo lugar, solicitamos a todos os retradutores que, no ato da retradução, não consultassem o texto original de G. Rosa, a fim de não serem influenciados. Foi-lhes pedido que se posicionassem como meros leitores e que não tivessem o privilégio de poder conferir os originais na língua portuguesa.

Feitas essas observações, começaremos o nosso exercício, apresentando em primeiro lugar o texto de G. Rosa¹. Em seguida, apresentaremos as traduções nas línguas estrangeiras e suas respectivas retraduições para a língua portuguesa, bem como os comentários que achamos pertinentes para cada caso tradutor.

O texto de *Grande Sertão: Veredas*, por nós escolhido, é o que abre a página inicial do romance:

— Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja, Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser — se viu —; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beiços, êsse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão; determinaram — era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono dêle nem sei quem fôr. Vieram emprestar minhas armas, cedi. Não tenho abusões. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente — depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. (ROSA, J.G. *Grande Sertão: Veredas*. RJ, José Olympio, 1972, 8^a ed.)

¹ ROSA, J.G. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972, 8^a ed.

1. A tradução do *Grande Sertão: Veredas* para a língua alemã foi feita por Curt Meyer-Clason². O trecho acima, traduzido, ficou assim:

Hat nichts auf sich. Das Knallen, das Sie vorhin gehört haben, war *keine Schiesserei*, da sei Gott vor. Hab nurein *bisschen* Scheiben geschossen, drunten am Bach, auf einen Baum in Quintal. Zur Übung. Tu ich jeden Tag, zu meinem Vergnügen, fast seit ich krebren kann. Da riefen sie mich. Es war wegen einem Kalb. Ein weisses *Kälbchen*, *halb missraten*, mit Augen, die keine waren, obendrein hatte es ein Maul wie ein Köter. So wenigstens haben sie mirs beschrieben, ich hab mirs nicht angeschaut. Zumal es durch den Geburtsfehler mit seinen aufgestülpten Lippen aussah wie ein *grinsender Mensch*. Ob nun Menschengesicht oder Hundegesicht — jedenfalls behaupteten sie, es sei der Teufel. Verdrehtes Völkchen! Sie habens *auf der Stelle* totgeschlagen. Keine Ahnung, wer der Besitzer war. Kamen herüber und wollten sich mein Schiesseisen ausborgen. Habs ihnen geliehen, bin ja kein *Spielverderber*.

Sie lachen so komisch, Senhor... Hören Sie zu: wenns richtig knallt, klaffen zuerst die Hunde, und zwar sofort — dann erst wird nachgesehen, obs Tote gegeben hat. Was wollen Sie, so ist der Sertão. (*Grande Sertão*. Colônia-Berlim, Kiepenheuer & Witsch, 1964. Trad. de Curt Meyer-Clason. Os grifos são nossos.)

A retradução para o português, feita por José Balduino Schaefer, ficou, por sua vez, assim:

Não tem importância. Os estampidos que o senhor ouviu há pouco não eram de *nenhum tiro*, guarda-me Deus. Só fiz *um pouco* de tiro ao alvo lá embaixo no arroio, numa árvore no quintal. Para exercício. Faça isto cada dia, para meu passatempo, desde que eu engatinho. Então eles me chamaram. Era por causa de um *terneiro*. Um *terneirinho* branco *meio defeituoso*, com olhos que não o eram; além disso tinha uma boca como um cachorro. Assim ao menos eles me descreveram. Eu não o examinei. Especialmente porque, devido ao defeito de nascença, com seus lábios abertos, parecia ser uma *pessoa sorrindo ironicamente*. Em todo o caso, sendo um rosto de homem ou de cachorro, eles afirmaram que era um demônio. Povinho excêntrico! Eles o mataram *na hora*. Nenhuma idéia de quem era o dono. Vieram para cá e quiseram emprestar minha arma. Eu a emprestei a eles, pois não sou nenhum *desmancha-prazeres*.

O *senhor ri tão cômico*... Escute: quando são tiros de verdade, primeiro os cachorros latem, e imediatamente — só depois se verifica se deu mortos. Que quer o senhor, assim é o sertão. (Retradução: José Balduino Schaefer - Brasil. Os grifos são nossos.)

² ROSA, J.G. *Grande Sertão*. Colônia-Berlim, Kiepenheuer & Witsch, 1964. Trad. de Curt Meyer-Clason.

Não vamos aqui, evidentemente, proceder a uma análise exaustiva. Queremos apenas assinalar alguns passos na tradução de Meyer-Clason — e isso valerá para as demais traduções — onde enxergamos falta de fidelidade ou de sintonia com o original roseano. O objetivo específico disso será mostrar como línguas diferentes entre si têm dificuldades — às vezes insuperáveis em si mesmas ou, outras vezes, por deficiências presentes nos próprios tradutores — de interrelacionarem suas particularidades.

A tradução alemã apresenta, a nosso ver, pelo menos oito falhas técnicas de tradução (assinaladas nos textos da tradução e da retradução): *keine Schiesserei*; *ein bisschen*; *Kälbchen*; *halb missraten*; *grinsender Mensch*; *auf der Stelle*; *Spielverderber*; *lachen so komisch*. Das cinco traduções escolhidas, esta é aquela que mais infidelidades introduz e que se sente mais à vontade para acrescentar elementos linguísticos que não existem no original roseano.

De fato, no original roseano o personagem que conta a história — Riobaldo, sabemos — começa dizendo que os tiros ouvidos não foram de “briga de homem, não”. A tradução alemã fala em *keine Schiesserei*, o que, retraduzido, significa “nenhum tiro”. Nesse caso, a tradução se afasta do original e introduz um significado que está ausente naquele ou, pelo menos, pode levar o leitor a criar denotações que não foram as intencionadas por Rosa.

Semelhantes observações podem ser feitas a respeito de outros passos da tradução. Rosa não fala em praticar “um pouco de tiro ao alvo”, como aparece no texto em alemão — *hab nur ein bisschen Scheiben geschossen*. Rosa escreve: “alvejei mira”. Também não usa a palavra “terneirinho” ou “bezerrinho (branco)” — *weisses Kälbchen*, como vem no alemão. Repete duas vezes a palavra “bezerro”. Por que Meyer-Clason uma vez escreve *Kalb* (bezerro) e, em seguida, *weisses Kälbchen* (bezerrinho branco)?

O tradutor, ao procurar transpor para o alemão a passagem “rindo feito pessoa”, escolhe o verbo *grinsen*, que significa sorrir ironicamente ou dar um riso amarelo. O texto de Rosa, entretanto, é bem genérico quanto ao aparente riso do bezerro: “esse figurava rindo feito pessoa”. Nada indica, no texto roseano, que o bezerro parecesse sorrir ironicamente ou apresentar um riso amarelo, como se fosse um *grinsender Mensch*.

Riobaldo, ao contar que mataram o estranho bezerro, diz apenas: “Mataram.” O tradutor resolveu acrescentar: “Eles o mataram na hora” — *Sie habens auf der Stelle totgeschlagen*.

Por outro lado, Riobaldo emprestou suas armas para matar o bezerro porque não tem abusões a esse respeito, isto é, não é supersticioso. Meyer-Clason achou por bem expressar isso em alemão da seguinte forma: *bin ja kein Spielverderber*. Isso, retraduzido, significa: “pois não sou nenhum desmancha-

prazeres". Ora, não ser um desmancha-prazeres e não ser supersticioso não é a mesma coisa.

Riobaldo, ao observar que seu ouvinte ri ao que ele está narrando, diz: "O senhor ri certas risadas..." O tradutor escreve: *Sie lachen so komisch...*, o que se retraduz para "o senhor ri tão cômico" ou tão comicamente, ou de forma tão engraçada. O tradutor adjetivou o riso de forma diferente da que se encontra em Rosa. Este tenta transmitir um significado aberto, indeterminado, indefinido para o riso do ouvinte da narração.

Para encerrar nossos comentários a respeito dos passos falhados na tradução alemã de Curt Meyer-Clason, resta-nos uma observação quanto ao desvio mais clamoroso procedido por este tradutor. Trata-se da palavra "erroso". Rosa usa esta palavra, neste contexto específico, no sentido de errante, erradio, que fica vagando por aí sem direção certa. Isso é confirmado por Nei Leandro de Castro no seu sério e minucioso *Universo e vocabulário do Grande Sertão*³. Meyer-Clason, no entanto, interpretou equivocadamente a palavra "erroso" como proveniente do verbo errar no seu significado de cometer erros, enganar-se, falhar, sair(-se) mal. Por isso, traduz erroso por *halb missraten*, o que significa "meio defeituoso" ou meio falhado, saído meio mal, meio errado. Assim, o bezerro branco, erroso ou errante/erradio de Rosa transforma-se num bezerrinho branco (já vimos isso) meio defeituoso — *ein weisses Kälbchen, halb missraten*.

Das cinco traduções que vamos analisar, além da alemã, apenas a espanhola incorre no mesmo equívoco. As demais vertem corretamente: a inglesa fala em *stray* (desgarrado); a francesa, em *errant* (errante); e a italiana, em *erratico* (errático).

2. Passemos agora à tradução inglesa de James L. Taylor e Harriet de Onís⁴.

It's nothing. Those shots you heard were not men fighting, God be praised. *It was just me there in the back yard, target-shooting down by the creek, to keep in practice.* I do it every day, because I enjoy it; have ever since I was a boy. Afterwards, they came to me about a calf, a stray white one, with the queerest eyes, and a muzzle like a dog. They told me about it but I didn't want to see it. On account of the deformity it was

³ CASTRO, Nei Leandro de. *Universo e vocabulário do Grande Sertão*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

⁴ ROSA, J.G. *The devil to pay in the backlands*. New York, Alfred A. Knopf, 1963. Trad. de James L. Taylor e Harriet de Onís.

born with, with lips drawn back, it looked like somebody laughing. Man-face or dog-face: that settled it for them; it was the devil. Foolish folk. They killed it. Don't know who it belonged to. They came to borrow my gun and I let them have it.

You are smiling, *amused-like*. Listen, when it is a real gunfight, all the dogs start barking, immediately — then when it's over you go to see if anybody got killed. *You will have to excuse it, sir*, but this is the sertão. (*The devil to pay in the backlands*. New York, Alfred A. Knopf, 1963. Trad. de James L. Taylor e Harriet de Onís. Os grifos são nossos.)

A retradução para o português, feita pela Prof^a Alba Olmi, é a seguinte:

Não é nada. Aqueles tiros que o senhor ouviu não eram de homens brigando, graças a Deus. *Era só eu lá nos fundos, atirando ao alvo, perto do arroio, para praticar*. Faço isso todos os dias, porque gosto disso; desde que era um garoto. Mais tarde, chegaram para mim a respeito de um bezerro, um animal branco desgarrado com os olhos os mais estranhos e um focinho de cachorro. Me contaram isso, mas eu não quis vê-lo. Por causa da deformidade com que tinha nascido, com lábios virados para trás, parecia alguém rindo. Cara de homem, cara de cachorro: aquilo resolveu tudo para eles; era o diabo. Gente boba. Eles o mataram. Não sei a quem pertencia. Eles vieram pedir emprestada a minha espingarda e eu lhes dei.

O senhor está rindo, *parecendo divertir-se*. Olhe, quando se trata de uma verdadeira briga de arma de fogo todos os cachorros começam a latir, imediatamente — então, quando acaba, você vai lá ver se alguém foi morto. *O senhor vai desculpar*, mas isto é o sertão. (Retradução: Prof^a Alba Olmi - Brasil. Os grifos são nossos.)

A tradução inglesa apresenta pelo menos quatro falhas técnicas significativas: *amused-like*; *you will have to excuse it* e dois esquecimentos incompreensíveis.

Comecemos pelos dois esquecimentos. Primeiro: os tradutores norte-americanos esqueceram de dizer que o exercício de tiro ao alvo de Riobaldo estava sendo feito contra uma árvore. Dizem: "Era só eu lá nos fundos, atirando ao alvo, perto do arroio, para praticar" — *It was just me in the back yard, target-shooting down by the creek, to keep in practice*. Se este primeiro esquecimento ainda se poderia tolerar, o segundo é mais sério. Os tradutores simplesmente omitem a expressão "Não tenho abusões", ou seja, não sou supersticioso. No contexto do *Grande Sertão: Veredas*, a questão de Riobaldo — o personagem principal — ser ou não ser supersticioso é muito importante. Por que os tradutores norte-americanos omitem isso? Por que não escrever algo assim: *I'm not superstitious*? O esquecimento que acabamos de assinalar é injustificável, pelo menos para quem tenta ser fiel ao que outra pessoa diz em

outra língua.

Quanto a *amused-like*, a tradução inglesa acrescenta uma adjetivação semelhante à que aparece na tradução alemã de Meyer-Clason, anteriormente já advertida. Esta expressão inglesa significa “parecendo divertir-se” ou como se estivesse se divertindo. Rosa, todavia, somente fala em “o senhor ri certas risadas”, de forma indeterminada, e não denota ou conota diversão, divertimento, ou mesmo mofa, zombaria ou algo nesta linha. Se os tradutores tivessem somente escrito *You are smiling...* e não *You are smiling, amused-like*, teriam conseguido um resultado mais próximo do original.

Enfim, a expressão *you will have to excuse it*. Ela é usada para traduzir “o senhor tolere”. A expressão roseana, entretanto, quer significar “o senhor seja indulgente” ou, então, seja benigno, tenha paciência, considere com indulgência, aceite etc. e não aquilo que o inglês transmite, a saber: “O senhor vai desculpar” — *you will have to excuse it*. O mesmo erro aparece na versão francesa, onde está: *que Monsieur excuse*, isto é, “O senhor desculpe”.

3. Examinemos em seguida a tradução francesa de Jean Jacques Villard⁵.

Foutaises! Les coups que Monsieur vient d'entendre, c'était pas une bagarre d'hommes, Dieu merci. Je tirais sur un arbre *du clos*, dans le creux du ru, pour *ne pas perdre la main*. Je fais ça chaque jour, pour mon plaisir, depuis ma jeunesse. On est venu m'appeler là-bas, rapport à un veau, un veau blanc errant, des yeux comme pas un, comme on avait jamais vu... et une gueule de chien. On me l'a dit, j'ai pas voulu aller voir. Même que par défaut de naissance il avait les lèvres troussées, on aurait dit qu'il riait comme une personne. Figure de personne, figure de chien, alors ils ont décidé que c'était le diable. Des gens bornés. Ils l'ont tué. On sait pas à qui il était. Ils sont venu emprunter mes armes, j'ai cédé. Moi, je suis pas superstitieux. Ça fait rire Monsieur... Écoutez: quand c'est du tir pour de bon, d'abord les chiens se mettent aussitôt à hurler... après, on va voir si y a des morts. *Que Monsieur excuse*, ici, c'est le sertão. (*Diadorim*. Paris, Éd. Albin Michel, 1965. Trad. de Jean Jacques Villard. Os grifos são nossos.)

A retradução, feita pela Prof^a Annie Marie Wautier, é esta:

Bobagem! Os tiros que o senhor acaba de ouvir, não era briga de homem, graças a Deus. Eu atirava numa árvore *do recinto*, no fundo do riacho, *para não perder a forma*. Faço isso todos os dias, por prazer, desde jovem. Me chamaram lá por causa de um terneiro, um terneiro branco vadio, olhos estranhos como nunca se viu... e uma cara de cachorro. Me disseram isto, não quis ir lá para ver. E até estava com outro defeito de nascença, ele tinha os lábios arregaçados, parecia que ele ria que nem gente. Cara de

⁵ ROSA, J.G. *Diadorim*. Paris, Éd. Albin Michel, 1965. Trad. de Jean Jacques Villard.

gente, focinho de cachorro, aí decidiram que era o diabo. Gente bitolada. Mataram o bicho. Nem se sabe de quem ele era. Vieram para pedir minhas armas emprestadas, deixei. Não acredito nestas coisas. O senhor está rindo... Olha, quando é tiro de verdade, primeiro os cachorros começam logo a uivar... depois, a gente vê se tem mortos. *O senhor desculpe*, mas aqui é o sertão. (Retradução: Prof^a Annie Marie Wautier - Bélgica. Os grifos são nossos.)

A tradução francesa, no seu conjunto, está bem feita e permanece muito próxima das intenções denotativas e conotativas do texto roseano. Com exceção de *que Monsieur excuse* — o senhor desculpe — a que já fizemos, mais acima, a observação devida.

Cabe, no entanto, registrar aqui o comentário feito pela retradutora, A.M. Wautier. Disse-nos que a forma escolhida por Villard para a tradução incidiu sobre um francês mais antigo, mais popular. Isso transparece no uso de certas expressões lingüísticas que não estão mais presentes, ou raramente, no francês moderno, tais como *du clos* e *pas perdre la main*. A primeira significa um recinto, um ambiente fechado por paredes. A segunda significa não perder a habilidade, a destreza, a forma.

O fato de Villard usar um francês mais arcaico aproxima a tradução do texto roseano, que, como se sabe, também usa um português em grande parte arcaico, interiorano, popular. Nesse aspecto, pois, há um esforço de a tradução engatar-se, interrelacionar-se com uma das dimensões importantes do original.

Mesmo assim, o uso de *du clos* — que aparece em *je tirais sur un arbre du clos* — não reproduz a idéia expressa por Rosa, que fala em “quintal” e não num recinto fechado por paredes: “alvejei mira em árvore, no quintal”.

4. Analisemos, a seguir, a tradução espanhola de Angel Crespo⁶.

— Nonada. Los tiros que usted ha oído han sido no de pelea de hombre, Dios nos asista. Apunté a un árbol, *en el corral*, en el fondo *del barranco*. Para estar en forma. Todos los días lo hago, me gusta; desde apenas en mi mocedad. Entonces, fueron a llamarme. Por mor de un becerro: un becerro blanco, *defectuoso*, los ojos de no ser — habrás visto — y con careta de perro. Me lo dijeron; yo no quise verlo. Incluso que, por defecto de nación, remangado de hocicos, parecía reírse como persona. Cara de gente, cara de can: decidieron que era el demonio. Gente parva. Lo mataron. Dueño suyo, no sé quién fuese. Vinieron a que les prestase mis armas, se las cedí. No tengo supersticiones. El señor ríe ciertas risotadas... mire: cuando es tiro de verdad, primero la jauría empieza a ladrar, instantáneamente; después, se va entonces a ver si hubo

⁶ ROSA, J.G. *Gran Sertón: Veredas*. Barcelona, Edit. Seix Barral, 1967. Trad. de Angel Crespo.

mueritos. El señor apechugue, esto es el sertón. (*Gran Sertón: Veredas*. Barcelona, Edit. Seix Barral, 1967. Trad. de Angel Crespo. Os grifos são nossos.)

O Prof. William Héctor Gómez Soto retraduziu do seguinte modo:

— Nonada. Os tiros que você ouviu tem sido não de briga de homem, Deus nos ajude. Apontei a uma árvore, *no curral*, no fundo do *barranco*. Para estar em forma. Todos os dias o faço, eu gosto; desde minha juventude. Então foram me chamar. Por causa de um bezerro: um bezerro branco, *defeituoso*, os olhos de não ser — veja só — e com cara de cachorro. Me falaram; eu não quis vê-lo. Inclusive que, por defeito de nascença, esticado o focinho, parecia rir como pessoa. Cara de gente, cara de cão: decidiram que era o demônio.. Gente medíocre.. Mataram-no. Não sei quem era seu dono. Vieram a que lhes emprestasse minhas armas, dei-as. Não tenho superstições. O senhor ri certas risadas... olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a matilha começa a latir, instantaneamente; então vai se ver se teve mortos. O senhor aceite, isto é o sertão. (Retradução: Prof. William Héctor Gómez Soto - Nicarágua/Brasil. Os grifos são nossos.)

A tradução espanhola foi muito elogiada por G. Rosa, na ocasião de seu aparecimento. Diz este autor: "... magnífica, insuperável tradução"⁷. De um modo geral, isso é verdadeiro. A. Crespo conserva o clima construído por Rosa no correr de *Grande Sertão: Veredas*. Essa fidelidade global, todavia, não impede de a tradução apresentar algumas impropriedades.

Tomem-se, como exemplos, as três incorreções que aparecem no texto que estamos analisando: *en el corral*; *del barranco*; e *defectuoso*.

Quanto à última palavra — *defectuoso* — já fizemos a observação pertinente nos comentários à tradução alemã.

En el corral significa, em português, "no curral". No texto roseano está dito que Riobaldo praticava tiro ao alvo numa árvore, no quintal, e não no curral. Convenhamos, quintal e curral não são sinônimos e a substituição de um pelo outro faz a língua espanhola transmitir um conceito diferente daquele transmitido pela portuguesa. Além disso, o texto em espanhol diz que o exercício de tiro ao alvo estava sendo feito *en el fondo del barranco*. Isso também entra em desacordo com o texto original, que afirma que estava sendo praticado "no baixo do córrego".

5. Vamos, enfim, para a última tradução, a italiana, esta feita por Edoardo Bizzarri⁸.

⁷ Cf. *Revista de Cultura Brasileira*, nº 21, Madri, 1967.

⁸ ROSA, J.G. *Grande Sertão*. Milano, Feltrinelli, 1970. Trad. de Edoardo Bizzarri.

Nonnulla. I colpi che vossignoria ha sentito non erano di rissa di uomini, no, Dio ne guardi. Ho sparato contro un albero, dietro la casa, dalla parte del torrente. Per esercizio. Lo faccio tutti i giorni, mi piace; fin da quando ero appena un ragazzo. E lì, sono venuti a chiamarmi. Per via di un vitello: un vitello bianco, erratico, gli occhi che manco un cristiano — *che era apparso*; e con faccia di cane. Così m'hanno detto; io non l'ho voluto vedere. E poi, con le labbra rovesciate in fuori, per difetto de nascita, quello sembrava ridere come una persona. Faccia di gente, faccia di cane: decisero — era il demonio. Popolo ignorante. L'hanno ammazzato. Il padrone non so neppure chi fosse. Erano venuti a chiedermi in prestito le armi, le ho date. Non sono superstitioso. *Vossignoria ha ragione di ridere...* Veda: quando è sparatoria vera, per prima cosa i cani si mettono ad abbaiare, immediatamente — allora, poi, si va a vedere se ci sono scappati dei morti. Vossignoria deve compatire, questo è il *sertão*. (*Grande Sertão*. Milano, Feltrinelli, 1970. Trad. de Edoardo Bizzarri. Os grifos são nossos.)

A retradução para o português é, novamente, da Prof^a Alba Olmi:

Cosa de nada. Os tiros que Vossa Senhoria ouviu não eram de briga de homem, não, Deus me livre. Atirei numa árvore, atrás da casa, do lado do arroio. Para exercitar. Faço isso todos os dias, gosto disso; desde que eu era um garoto. E aí vieram me chamar. Por causa de um terneiro: um terneiro branco, andarilho, os olhos que nem cristão — *que tinha aparecido*; e com cara de cão. Foi assim que me disseram; eu não quis vê-lo. E, além disso, com os lábios virados para fora, por defeito de nascença, aquele parecia rir como uma pessoa. Cara de gente, cara de cão: decidiram — era o demônio. Povo ignorante. Mataram-no. O dono nem sei quem era. Tinham vindo me pedir emprestadas as armas e eu dei. Não sou superstitioso. *Vossa Senhoria tem razão de rir...* Olhe, quando é tiro de verdade, primeiro os cachorros começam a latir, imediatamente — então, depois vai-se lá para ver se tem defuntos. Vossa Senhoria tem que ter paciência, este é o sertão. (Retradução: Prof^a Alba Olmi - Brasil. Os grifos são nossos.)

Edoardo Bizzarri é, sem dúvida, um dos melhores tradutores da obra de G. Rosa, dos que mais se esforçou em passar para uma língua estrangeira o estilo próprio de Rosa, suas novidades lingüísticas, as particularidades, o clima tipicamente roseano, enfim, o rosamundo. Disso é testemunho a correspondência que entre si trocaram — tradutor e autor — enquanto Bizzarri estava a verter para o italiano o conjunto de novelas de Rosa, *Corpo de Baile*, na primeira metade da década de 60, e que foi publicada pelo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro e T.A. Queiroz Editor⁹.

⁹ BIZZARRI, Edoardo. *J. Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. S. Paulo, T.A. Queiroz/ Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1981, 2ª ed.

Apesar disso, mesmo que meio receosos de contestar um mestre em tradução, queremos fazer duas observações ao trabalho de Bizzarri. Quando Rosa apresenta o bezerro, diz: “um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser — se viu”. Interessa essa última expressão: “se viu”. Quer dizer, viu-se, todos viram que era um bezerro branco, que andava errando por aí e que tinha olhos que pareciam não ser de um bezerro. Bizzarri traduziu “se viu” por *che era apparso*, isto é, “que tinha aparecido”. Aparecer e ver são coisas diversas, mesmo que para ver é preciso que algo apareça e quando algo aparece é porque alguém vê. A unidade conceitual que os dois verbos estabelecem não autoriza, no entanto, a confundi-los na hora de uma transposição lingüística.

A segunda observação tem a ver com a passagem “O senhor ri certas risadas...” Bizzarri a traduziu: *Vossignoria haragione di ridere...*, que, retraduzida, fica “Vossa Senhoria tem razão de rir”. Não é necessário tecer maiores comentários a isso. Basta alertar para as diferenças entre o significado de “rir certas risadas” e aquele de “ter razão de rir”. Bizzarri atribui àquele que está rindo razões, motivos para fazer tal coisa, enquanto G. Rosa simplesmente constata que alguém está rindo certas risadas. Não dá nem tira a razão daquele que ri. Constata que alguém ri de um certo modo, que é, diga-se de passagem, muito mais incerto que certo.

Terminamos assim a nossa análise, ainda que incompleta. O objetivo geral que tivemos em vista com a mesma — e isto é preciso deixar bem claro — não foi levantar uma crítica destrutiva às traduções do *Grande Sertão: Veredas*. Quisemos tão-somente mostrar como, às vezes, é difícil proceder a uma interrelação lingüística. Por mais cuidados que sejam tomados — veja-se o exemplo de E. Bizzarri — sempre surgem barreiras que uma língua não sabe superar quando se trata de entender o que a outra está querendo expressar.

É, entretanto, nesse esforço de superação das barreiras que se interpõem no estudo, conhecimento e interfaceamento das diversas línguas entre si que vemos a possibilidade de nos encaminharmos para o mundo tornado uma aldeia global, conforme McLuhan¹⁰, ou um complexo reticular cognitivo, no dizer de Pierre Lévy¹¹.

Como dissemos no início, uma pessoa ou um povo que se fecham na sua língua materna, e que vêem o mundo só a partir dela, estão, nos dias de hoje,

¹⁰ McLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg*. São Paulo, Editora Nacional/EDUSP, 1972.

¹¹ LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro, Edit. 34, 1993.

sujeitos a perder a identidade lingüística. E, num caso extremo, até mesmo a transformar a sua língua num instrumento de dominação política, econômica e cultural, quando então nosso pequeno e complicado planeta poderia tornar-se parecido a um ambiente de tipo orwelliano.